

VERMELHAS COMO AS BANDEIRAS DO SOCIALISMO

O feminismo socialista cresce
Rosi Santos

As mulheres em todo mundo tem demonstrado a força que se pode ter quando se mobilizam todas juntas. Por isso, somos uma organização feminista e socialista de mulheres e identidades LGBTQs+ que tem como lugar de atuação central, nada menos e nada mais que as *de rua*.

Nascemos no atual Brasil de Bolsonaro e do assassinato cruel e covarde de uma mulher negra, votada e legitimada pelo parlamento e sociedade, somos as e os que buscam que a luta feminista seja atravessada pelos debates entre feminismo e socialismo.

Somos aquelas que acreditam que somente mobilizadas, exigindo ativamente responsabilidade do Estado lgbtfóbico patriarcal, e acompanhando em sua as

companheiras e companheiros vítimas e podemos construir condições para emancipação de gênero.

As que apostam nas posições que não ignoram que o sistema patriarcal anda de mãos dadas com capitalismo, e que entende que ao contrario do feminismo liberal, não podemos restringir a luta feminista apenas à luta pela cidadania das mulheres, ou somente à aumentar a representação política das mulheres, definitivamente esse não é um pressuposto que resulta em si mesmo, na melhoria das condições de vida e na emancipação das mulheres trabalhadoras e oprimidas.

**Quando o feminismo ganha às ruas
o patriarcado recua**

MANIFESTO FEMINISTA E SOCIALISTA VERMELHAS

Por uma nova expressão da rebeldia feminista no Brasil

Considerando que:

É cada vez mais necessário por parte das mulheres e das pessoas LGBTQs+ derrotar o avanço político que obteve o conservadorismo no Planalto Central e suas tentativas em diversas áreas de fazer a nossa sociedade voltar à Idade Média.

Que nunca depois do processo de democratização a Igreja, em especial as neopentecostais agiram de maneira tão organizada contra as lutadoras e lutadores da esquerda e do feminismo.

A nosso ver, também foi demonstrado que os governos petistas, apesar de terem sido importantes para alguns avanços aos direitos das mulheres e da comunidade LGBTQs+, não são aliados, na medida em que buscaram paliativos que prolongam a realidade de opressões.

E que em nossa sociedade ainda tão marcada pelo estigma colonial, são necessárias medidas de fundo anticapilistas e antipatriarcais que transformem toda a realidade de maltrato, violência e invisibilidade das mulheres indígenas, negras e periféricas. E que governos que buscam como saída à conciliação com setores alheios a verdadeira história e luta dos oprimidos e explorados, são, portanto, adversários da emancipação plena de nossas companheiras e companheiros.

A conjuntura atual é caracterizada por um giro à direita na situação política nacional e internacional, que teve início com a chegada ao poder do epicentro do capitalismo, uma liderança política que além de ultrarreacionária é abertamente machista, racista, xenofóbica e homofóbica, mas que assim mesmo, as mulheres e LGBTQs+ foram os setores mais dinâmicos na conjuntura mundial.

Diante da conjuntura da qual indiscutivelmente prevalece um clima reacionário e ultra conservador, esses setores assim mesmo, lutaram bravamente sem uma direção política estabelecida e sem ajuda dos grandes aparatos. E que por esta razão, os conservadores avançam contra esse setor e contra os direitos democráticos sem cessar seus ataques.

O governo de Jair Bolsonaro promove sem nenhum pudor a desigualdade sexual do trabalho, em um país onde as mulheres já recebem cerca de 25% menos que os homens, sendo as mulheres negras maioria de nossa população as que recebem 60% menos, executando os trabalhos mais precários que a maioria da população, inclusive comparado a mulheres brancas.

Seu discurso de apologético a armas, elevou drasticamente o número de feminicídios, Bolsonaro também se opõe veementemente ao direito aborto legal, livre e gratuito, e da educação sexual com perspectiva de gênero nas escolas. Demoniza o direito à identidade de gênero e à orientação sexual como um direito subjetivo e de dignidade das pessoas LGBTQs+. E além de tentar flexibilizar leis em caso de estupro.

Que lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais vem sendo mortos em crimes motivados exclusivamente por homofobia.

A chegada de Jair Bolsonaro a presidência, só foi possível com o apoio de lideranças importantes das igrejas em especial as neopentecostais. Que conseguiram de maneira coordenada: blindagem midiática e manobras de consciência pelas chamadas fake News, personificar nas urnas seus anseios mais autoritários, racistas, misóginos, homofóbicos, anticientíficos e reacionários.

Que ataca frontalmente e sem pudor todos os direitos e até mesmo a existência das mulheres, trans, travestis e toda a diversidade sexual.

Os ataques aos oprimidos, tanto no Brasil como a nível internacional, notadamente é reflexo da polarização política produzida pela atual recessão econômica do capitalismo, sendo as mulheres e o conjunto das identidades LGBTQs trabalhadoras, com seus movimentos os principais atacados.

Todo o movimento feminista e as mulheres em particular retomaram sem volta sua organização. Incorporando princípios e métodos históricos da luta da classe trabalhadora, como o internacionalismo e a greve geral.

Destacamos:

Que em todos esses processos da atualidade a luta feminista não estive desligada das demandas da classe trabalhadora, ao contrário fizeram com que muitas lutas operárias fossem destacada pela presença e protagonismo das companheiras e de membros da comunidade LGBTQTs+.

Que o movimento feminista esta na ofensiva, sendo um setor que cresce na vanguarda das lutas, com uma participação impressionante de juventude de todas as idades. Sendo hoje um movimento portador de uma camada cada vez mais jovem e lutadora que se coloca a tarefa de lutar por uma sociedade mais justa e mais diversa.

Nessa conjuntura, se necessita de um movimento feminista plural e inclusivo para golpear o patriarcado e capitalismo que o sustenta com um só punho.

A força do movimento feminista brasileiro é gigante. Por isso é preciso apostar na inclusão da resistência das mulheres negras indígenas que historicamente lutam por dignidade, identidade e espaço.

São essa mulheres, que foram forjadas através da resistência de uma ancestralidade que lutou até o final em condicoes muito adversas, pelo direito a terra, pela abolição da escravatura, pelo direito à educação feminina e o sufrágio universal. Aquelas que, em 1917, levantaram a primeira greve geral no Brasil, protagonizada por mulheres trabalhadoras do setor textil.

E com as mulheres subversivas de 1968 contra a ditadura militar. Com a famosa primeira coluna de mulheres em protestos sociais que deram visibilidade a mulher como sujeito político e ao movimento feminista, que ainda não se configurava com força no nossa país.

O feminismo cresce porque não está sobre o controle total das burocracias, que ao contrário é a força organizada de um movimento independente, que a tem capacidade de sacudir o país, ao se conectar a luta contra a sociedade patriarcal com as lutas de todos os oprimidos.

Propomos:

A urgência de um movimento feminista socialista, anti-capitalista, independente e inclusivo. Para lutar contra o sistema econômico patriarcal que nos explora, oprime e nos condena a todas as formas de miséria. Um movimento que ocupe às ruas, por um mundo sem opressões ou exploração.

Romper com a narrativa culturalista e possibilistas, que buscam resposta sobre as bases materiais, econômicas e subjetivas do machismo que conduzem a inércia e a paralisia organizativa do movimento feminista.

Criar espaços e fóruns privilegiados de discussão e atuação da luta feminista no país e na América Latina, ter como princípio e como fim organizar para às ruas frentes de lutas a cada ataque dos governos e autoridades com uma perspectiva feminista, classista, ecosocialista e inclusiva

Fortalecer esse novo movimento feminista que está em ascensão, sem ausentar ou invisibilizar a população LGBTs+, bem como, a mulher negra e indígena, criando vínculos estreitos de fraternidade e defesa da classe trabalhadora. É preciso enfrentar os ataques de maneira unificada, e exigir os direitos de todos. Unifiquemos e construamos o programa, porque as ruas já são nossas!

Linhas gerais:

Pelo fim da homolesebobitransfobia! Repudiar nas ruas a violência estrutural contra as mulheres e LGBT+! Por um feminismo internacionalista! Chega de feminicídios! Direito ao aborto legal, seguro, gratuito e no hospital! Educação sexual científica, laica e feminista! Por uma maternidade livre de violência! Nenhuma a menos! Vivas e livres: pelo fim do tráfico internacional de mulheres para fins de exploração sexual! Nem micro nem macros machismos! Fim da masculinidade tóxica patriarcal! Estado laico já! Igreja e Estado assuntos separados! Basta de assédio sexual! Fim da exploração sexual, pelo fim da prostituição! Trabalho para todas! Mesmo trabalho mesmo salário! Por uma América Latina unida e feminista! Combater de maneira organizada todos governos reacionários e misóginos! Ninguém é ilegal!

